

## Dr. Manoel do Nascimento Fernandes Távora

O SR. PÃES DE ANDRADE Pronuncia o seguinte discurso — Sr. Presidente, Srs. Deputados, para um homem de oposição, nada mais honroso do que, em nome de seu partido, prestar as homenagens póstumas, que esta Casa deve, a quem, na dura caminhada da sua existência, rasgou os pés e sangrou as mãos, percorrendo a estrada da Oposição, pontilhada de obstáculos, coberta de espinhos.

Ao procurar interpretar os sentimentos da Oposição, nesta homenagem que rendemos ao saudoso e insigne homem público que foi **Manoel do Nascimento Fernandes Távora**, pretendemos situar no tempo os lances maiores desta vida consagrada aos interesses superiores da Pátria.

Na trincheira da Oposição, nas horas mais incertas e difíceis, quando os tímidos se omitem, os covardes se curvam ou desertam, os arrivistas aplaudem e aderem aos poderosos do dia, Fernandes Távora alteava a sua voz e vinha para a luta gastar a vida, expondo-se a todos os riscos e desconfortos que a hora adversa lhe oferecia.

Esta, Sr. Presidente e Srs. Deputados, a característica maior e mais nítida do seu espírito revolucionário.

“A Oposição, disse muito bem Alencar Araripe, foi o campo que ocupou, invariavelmente, na República Velha. Enfrentou, por isso mesmo o ostracismo, o sistema das atas falsas, das eleições a bico de pena.

Travou disputa renhida e desigual com os fraudadores e potentados que a ele e aos amigos negavam pão e água.”

“Ser político da oposição em área seca, cercada de pauperismo, e ser dentro dela, forte e ativo, é heroísmo frontal á desesperança. A escassez ali aguça esperteza através das negociações. Não há idéia política que se firme, não há bandeira que salve. Não há fé que se cumpra.”

E aqui, Sr. Presidente e Srs. Deputados, o esboço de um retrospecto, para fixar bem a figura extraordinária do Dr. Fernandes Távora. E, mais do que isto, é importante definir as linhas essenciais do seu pensamento, cujas características, na expressão do escritor Francisco Alves de Andrade, guardam as origens e preocupações sertanejas, a alma toda presa ás aspirações da terra, cheia de sofrimento, assim como de esperança, de sonho e sol”.

21 de março de 1877. O sol dardeja fogo, as fontes estão ressequidas.

Às estradas juncadas de sofrimento. A canícula ardente do flagelo torrifico o poeiral das várzeas, e o vento que sopra é como o de mortos na vasta região abrasada de todo o Nordeste. Nasce na Fazenda Boa Altura, no Município de Jaguaribe, Manoel do Nascimento Fernandes Távora.

Deste quadro geográfico, com as tonalidades da paisagem seca e cinzenta, do relevo dos sentimentos que o emolduram, desabrochariam os reflexos íntimos da formação do caráter e da personalidade do menino sertanejo, a quem o destino reservava os mais duros momentos nas pugnas políticas do seu País. Esta paisagem que o cerca, em seus primeiros anos, haveria de acompanhar os seus passos, pela vida afora, nas atividades do médico humanitário, do político de boa têmpera cívica, habituado, desde tenra idade, a conviver com a adversidade.

Fernandes Távora bem poderia repetir, e deve ter repetido muitas vezes, aquele magnífico pensamento de Joaquim Nabuco, acalentado, quando distante da terra natal: “A verdade é que sinto cada vez mais forte

o arrocho do berço: cada vez sou mais servo da gleba brasileira, por essa lei singular do coração que prende o homem á pátria com tanto mais força quando mais infeliz ela é, e quanto maiores são os riscos e incertezas que ele mesmo corre”.

O SR. HILDEBRANDO GUIMARÃES — Nobre Deputado Paes de Andrade, interrompo o brilhante discurso que profere V. Exa., para transmitir-lhe um aparte de saudade. Esta tarde poderia ser cognominada de “Tarde da Saudade”, porque estamos homenageando a memória de um grande homem, o ex-Senador Fernandes Távora. Ilustre Deputado Paes de Andrade, homens da marca de Fernandes Távora não morrem, vivem sempre. Hoje, Fernandes Távora está mais vivo do que antes em nossos espíritos, pois imortalizou-se. A vida é efêmera, passamos rapidamente por este mundo e logo partimos para a Eternidade. Aqueles que souberam construir, aqueles que viveram para a humanidade, para a pátria, aqueles que viveram com abnegação, sempre permanecem em nossas lembranças, imortalizam-se, entram na História. Peço permissão a V. Exa. para citar aquela parte grandiosa do Livro do Apocalipse, quando o velho Apóstolo do Amor, São João, exilado na Ilha de Patmos, arrebatado em espírito e vendo uma grande parte aberta no céu, ouviu uma voz que dizia: “Sobe, João, e mostrar-te-ei as coisas que depois disto devem acontecer”. E o velho João, antes de partir para a Eternidade, teve uma visão global da Vida Eterna, dessa vida além-mundo. Sim, nobre Deputado Paes de Andrade, estamos, nesta hora, homenageando um grande cearense, um grande brasileiro, que está vivo em nossos corações e sempre permanecerá na nossa mente como um símbolo de vida heróica, de grande homem, de grande brasileiro.

O SR. PAES DE ANDRADE — Acolho o aparte de V. Exa. com muito agrado. Realmente, Sr. Deputado, foi uma vida que não se perdeu. Aí estão os grandes exemplos de quem em todas as horas, com bravura cívica, defendeu a democracia, apostolou o direito e a justiça.

Prossigo.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, com estes sentimentos, já no ano de 1904, concluído o curso médico, retorna ao Ceará e participa do movimento que derrubou, no Crato, o Prefeito Belém de Figueredo. Mas foge ao primeiro apelo da política, deslocando-se para o Amazonas no mesmo ano. Recusa, desta forma, o sucesso, senão na vida pública, pelo menos na clínica fácil e rendosa da Capital do Estado.

O idealista se deixava arrastar pelos encantos aparentes da mais áspera aventura, que o jogava, nos albores da mocidade, nos barrancos inóspitos do alto Juruá. Durante anos subia e descia os afluentes do grande rio, no batelão que se chamava Ambulância Távora, prestando toda sorte de assistência, como farmacêutico e como médico, aos nossos irmãos cearenses, empurrados para o deserto verde pelo espírito de aventura ou pela fome que os desalojava do torrão natal.

Em 1911, em páginas que revelam o mais alto teor humanista, que nascem do seu edificante sacerdócio, escreve Fernandes Távora, em estilo apaixonado, harmonioso e forte, esta mensagem: “É que força oculta e misteriosa os impelia para os confins da terra imensa que então pisavam pela primeira vez; é que traziam no sangue o germe de espantosos heroísmos, que precisavam de um cenário condigno para sua manifestação. Eles haviam acumulado, em séculos de atroz sofrimentos, através de calamidades sem conta, essa reserva imensa de energia, que havia de manifestar-se um dia na mais assombrosa epopéia pacífica dos povos. Foi por isso

que a caudal humana não parou um só instante nas regiões vizinhas à Foz do Rio-Mar, e continuou na marcha encetada, gaigando a embocadura dos grandes afluentes para a verdadeira obra da conquista. Novos tântalos, eles sofreram as mais profundas misérias, as mais intoleráveis dores que só foi dado sofrer a seres humanos, em meio da mais rica e pujante natureza do globo. Subiram igarapés, vararam os furos, cruzaram os lagos, rasgaram florestas, atravessaram chavascals, vadearam os rios. Estava encetada a conquista e lançado o primeiro desafio à natureza inimiga". "A História erguerá um dia a sua voz de eternas ressonâncias, para, através das florestas, águas e desertos, reintegrar no convívio e na admiração perpétua dos brasileiros esses lídimos expoentes da raça e propiciar-lhes reparadora justiça, no regaço amorável da Pátria".

Mas, já em 1916, a sua irresistível vocação para a vida pública finalmente o domina e o arrasta das margens do Juruá, da longínqua cidade de São Felipe, para Fortaleza, onde se elege Deputado Estadual pelo Partido Democrata.

Concedo o aparte ao nobre Deputado Florim Coutinho.

O SR. FLORIM COUTINHO — Nobre Deputado Paes de Andrade, a Guanabara não pode ficar alheia à homenagem que hoje se presta ao grande homem que foi Fernandes Távora.

Não conheci o Senador Fernandes Távora, mas foi meu Comandante Juarez Távora, que pertence a sua família. Portanto, é com orgulho que venho a esta tribuna, como representante da Guanabara, para também hipotecar minha solidariedade a V. Exa., que, com tanto brilho, enaltece a memória do grande e saudoso Fernandes Távora. Quem conhece Juarez Távora, uma das maiores reservas morais do nosso País, bem pode avaliar quem foi Fernandes Távora. Apresento a minha solidariedade à homenagem póstuma a este grande vulto, a este grande brasileiro que foi Fernandes Távora.

O SR. PAES DE ANDRADE — Recoilho as palavras de V. Exa. e as incorporo ao meu discurso, porque elas refletem, na verdade, a homenagem merecida que o Movimento Democrático Brasileiro, Bancada da Guanabara, presta à memória do grande cearense.

Sr. Presidente, os sentimentos oposicionistas de Fernandes Távora haveriam de acompanhá-lo, ao longo da sua existência, ditando sempre o comportamento altivo, onde o espírito de rebeldia cívica tonificaria a enfi-bratura moral do incansável lutador.

Abrira-se, antes, a campanha civilista que, na expressão de João Mah-gabeira, significava, na história da democracia brasileira, um clarão no fim de uma noite escura. "Assinala o começo da prática da democracia pelo exercício do voto conquistado nos comícios populares. É o golpe ao abuso dos presidentes nomearem; por assim dizer, seus sucessores. É a morte do velho sistema de eleição nos bastidores e esconderijos dos corrilhos, transferindo o pleito para o dia pleno da praça pública, ao sol das grandes campanhas da palavra."

Fascinado pelos princípios do grande embate cívico, Fernandes Távora abraça a causa civilista, e marcha para o pleito que já sabia perdido. Fácil teria sido agasalhar-se sob o largo manto protetor da candidatura imbatível do Marechal Hermes. Preferiu, no entanto, ficar exposto a toda sorte de perigos e de restrições, protegido apenas, e tão somente, pelos princípios. Costumava lembrar Fernandes Távora, nas conversas com os amigos, quando evocava o passado distante, e o fazia sempre com grande emoção, trechos da carta de 19 de maio, dirigida por Rui Barbosa a Azeredo e Glicério:

“Vencidos, meu caro Azeredo, teríamos a consolação de o ser com honra, o que muito mais é do que vencer sem ela, de salvar os princípios, que se devem salvar sempre, ainda quando se perca tudo o mais.”

Voltemos, porém, às atividades de Fernandes Távora na conturbada vida política da Província nos idos de 1920, quando o cangaço, aliado de chefes políticos, ora do Partido Conservador, ora do Partido Democrata, escrevia uma página de luto, de morte e de sangue em todo o interior cearense. Florescia, em pleno sertão, o império do coronelismo, apoiado pela força do trabuco. Nesta fase da sua vida, Fernandes Távora era governo, pertencia ao Partido Democrata, apoiava o Governador João Tomé. Inconformado com certas atitudes políticas do Governador, não pensou duas vezes: rompe com o Partido Democrata e com João Tomé. Troca as amenidades do Palácio, e a paz política em que vivia, pelos rigores de nova luta que haveria de sustentar contra as forças situacionistas. Funda o Partido Republicano, lança o jornal “A Tribuna”, e nela se entrincheira, travando árduo combate contra o Governo do Estado. Boa têmpera de opositorista; provado quantas vezes na adversidade, Fernandes Távora não se deprime, nem sucumbe nas lutas desiguais que sustenta, ao contrário, se eleva e se enrijece, no fragor das contendas cívicas.

Vitoriosa a Revolução de 30, o povo cearense corria até a Chefatura de Polícia para libertar o líder civil do movimento democrático que ali se encontrava encarcerado. Abriam-se as grades da prisão, e, na mesma hora, os portões do velho Palácio da Luz para receber o interventor Fernandes Távora.

O SR. PARSIFAL BARROSO — Desejaria, nobre Deputado Paes de Andrade, a esta altura do seu formoso discurso, acrescentar algo que não me foi possível esclarecer quando interpretava a mensagem da Aliança Renovadora Nacional. Assim como V. Exa. honrou com seu valioso aparte o meu discurso, desejaria, neste instante, acrescentar às considerações por mim desenvolvidas, que foi neste momento exato da vida pública do saudoso Fernandes Távora que pude acompanhar mais de perto sua trajetória política. Não poderel esquecer o fato, que considero revestido de historicidade, de o haver conhecido pessoalmente, subindo pela primeira vez aquela velha escadaria do Palácio da Luz, em companhia do meu professor — a probidade e a sabedoria feitas homem — Luiz de Moraes Correia, para agradecer ao então Interventor federal minha nomeação para Professor do Liceu do Ceará. Não posso esquecer, nobre Deputado Paes de Andrade, a associação que para sempre se firmou dentro em mim, daquela angelitude que emanava da personalidade de Luiz de Moraes Correia e daquela sisudez austera com que me defrontei para apenas ter a honra de apertar aquela mão, nela depositando um sentimento de gratidão.

O SR. PAES DE ANDRADE — Realmente, Sr. Deputado, a austeridade e a rebeldia cívica foram as características maiores que ornavam a personalidade desse incansável lutador.

Não foi muito longe, porém, o seu convívio com o poder revolucionário. Deixando companheiros da revolução perplexos, rompia com Getúlio Vargas — e proclamava: “Rompi com o Presidente Getúlio Vargas por motivos poderosos que não vêm ao caso enumerar; e incompreendido por companheiros da Revolução de 30, abandonei a interventoria do Ceará, continuando a luta pelo ideal inatingido . . . Compreendi que a batalha da liberdade não é um episódio, nem uma vitória que se ganhe de uma só vez: mas, antes, é uma luta incessante que não termina com os triunfos e reveses”. Em 1934 Fernandes Távora chega à Assembléia Nacional Constituinte, ostentando, com certo orgulho, 2 diplomas: um outorgado pelo povo

cearense, outro conquistado sob a legenda da Legião Autonomista Acreana. Fez a opção natural, que mais se compatibilizaria com os seus sentimentos, pela representação do Ceará.

O SR. MARCONDES GADELHA — Nobre Deputado Paes de Andrade, estava admirando a profundidade da análise em que V. Exa. traça a personalidade de Fernandes Távora. Quando se presta homenagem como esta se faz justiça, num sentido amplo, ao próprio ser humano e se acentua e se reitera o caráter essencialmente humano da História. Não sou daqueles que acreditam que as grandes correntes históricas sejam engendradas apenas por forças geo-econômicas. Acredito na força criadora do homem; acredito que o homem seja realmente a grande força motriz que faz os fatos acontecerem. No que tange particularmente à figura de Fernandes Távora, esta homenagem se torna tanto mais justa e tanto mais humana quando consideramos que Fernandes Távora arrostando dificuldades, contribuiu com o seu esforço, com a sua presença, para plasmar a consciência cívica do Ceará e do próprio Brasil. É digna a sua memória de todo o nosso respeito e de toda a nossa admiração. A sua história precisa ser contada nesta tribuna, repetida nas ruas, nas escolas e estendida até as universidades. Receba V. Exa. o aplauso e a solidariedade da Paraíba neste modesto aparte.

O SR. PAES DE ANDRADE — Deputado Marcondes Gadelha, o aparte de V. Exa. me faz lembrar uma frase de Fernandes Távora quando se despedia do Senado da República, em 1963, ocasião em que recebeu uma verdadeira consagração de seus pares. Ao terminar seu memorável discurso afirmava: "Srs. Senadores, rogo a Deus que não me deixe morrer amaldiçoando a memória de brasileiros deserdados de civismo, que conspiram insanamente contra a liberdade, contra a Pátria.

Continuo, Sr. Presidente. Por toda esta tormentosa legislatura, desejo apenas me referir a um episódio da atuação parlamentar de Fernandes Távora, porque ele, em si, encerra um gesto de grandeza, imperecível, que serve de estímulo e de inspiração permanente, a quantos, neste País, lutam pela restauração do primado do Direito, pela recuperação das prerrogativas e da dignidade do Poder Legislativo, pela restituição ao Poder Judiciário das garantias de independência e de segurança nos seus julgamentos. Em sessão agitada, noite adentro, discutia-se o artigo 14 das Disposições Transitórias da Constituição de 1934 — que determinava: "Ficam aprovados os atos do Governo Provisório, interventores federais nos Estados e mais delegados do mesmo Governo, excluída qualquer apreciação judicial dos mesmos atos e de seus efeitos". No acesso dos debates, ergue-se o velho revolucionário, e com a autoridade da sua palavra, lança o seu protesto indignado: "Sinto-me, Srs. Deputados, na infugível obrigação moral de declarar que voto contra esse dispositivo do projeto da Constituição, há pouco submetido à apreciação desta Assembléia. O meu silêncio equivaleria a julgar perfeitos ou indiscutíveis todos os atos que pratiquei como interventor no Ceará, assumindo, *ipso facto*, a função de juiz em causa própria; e a consciência de cidadão e de católico não me permite aceitar e, ainda menos, sancionar um prévio indulto aos meus possíveis erros, privando de reparação todos aqueles aos quais, por força da contingência humana, eu haja lesado em seus direitos."

Gesto altivo, Sr. Presidente e Srs. Deputados, testemunho eloquente de uma consciência política voltada permanentemente para o respeito aos direitos humanos. Nesta repulsa ao famigerado art. 14, que mandava excluir de apreciação judicial os atos praticados pelo Governo Provisório, Fernandes Távora não só conservava intacto e limpo o relicário de sua

honra cívica, como reafirmava perante a Nação a fé e a crença de que "as constituições não se adotam para tyrannizar, mas para escudar a consciência dos povos".

A exiguidade de tempo não permite, Sr. Presidente, que alarguemos mais as nossas considerações sobre as atividades parlamentares do grande brasileiro; mas, não poderia fechar esta página de saudade sem ressaltar a ingente luta que travou em defesa dos interesses do Nordeste. Em todas as horas, condenava as providências paliativas, o gosto desastroso de administradores incompetentes pelas improvisações; mais do que isto, não se cansava de indicar aos governantes o planejamento global, como solução racional para os dramas que afligiam o Nordeste brasileiro.

Bateu-se ardorosamente nas Constituintes de 1934 e 1946 pelo aumento das rendas municipais, pioneiro que foi do municipalismo.

Nacionalista de boa formação e largo descortínio, esquece, senão sufoca os ressentimentos, que a política de Artur Bernardes cavara-lhe na alma, para, ao lado do ex-Presidente, desfechar memorável campanha contra as descabidas e criminosas pretensões da **Itabira Iron**.

O SR. ANTÔNIO BRESOLIN — Atento à análise profunda que V. Exa. está fazendo sobre a vida e a obra do saudoso Senador Fernandes Távora, senti e vivi — o mesmo sentimento que me dominou em Fortaleza — a grande afinidade que existe entre o gaúcho e o cearense. A mesma bravura, o mesmo idealismo, a mesma fibra, a mesma tenacidade inquebrantável dos homens que mais projetaram os dois Estados. A liberdade e a independência sempre constituíram apanágio dos dois Estados distantes.

Os gaúchos, que delimitaram as fronteiras do Rio Grande do Sul com a ponta da lança, e o eminente cearense, que V. Exa. tão bem descreve e que caracteriza a gente daquele grande Estado, têm afinidades comuns. Há pouco tempo, visitando o Estado do Ceará, a convite do seu Governador, quando tive oportunidade de estar com V. Exa., a grande aproximação e o espírito de luta sempre aceso, pelos grandes ideais humanísticos de liberdade, que animam e que unem os dois Estados longínquos. A mensagem que V. Exa. presta, em nome da nossa Bancada, à memória daquele grande homem público que tanto projetou o Estado do Ceará é uma das mais justas. Ao falar sobre um parlamentar que não pertenceu ao nosso Partido, mas que prestou tão assinalados serviços à nossa Pátria, V. Exa. está engrandecendo a nossa agremiação política. Em meu nome pessoal e no da Bancada do Rio Grande do Sul, trago-lhe a nossa integral solidariedade pela magnífica oração em homenagem à memória de quem tantos serviços prestou ao Estado do Ceará e ao Brasil.

O SR. PAES DE ANDRADE — O aparte de V. Exa., Deputado Antônio Bresolin, ilustra este pronunciamento.

Vou concluir, Sr. Presidente.

Com aquela campanha, impedia-se a renovação de um contrato altamente lesivo aos interesses nacionais. Daí resultou o surgimento da Companhia do Vale do Rio Doce. Esta e outras posições nacionalistas não se perderam no tempo. Valem como alento aos que hoje defendem uma política econômica inspirada na justiça social e na predominância dos interesses nacionais, tantas vezes sacrificados à invasão e domínio do capital internacional.

Muito se poderia dizer, Sr. Presidente e Srs. Deputados, mais deveria ser dito ainda sobre a vida de Manoel do Nascimento Fernandes Távora: "valente, rebelde, austero, incorruptível homem de oposição na República Velha — vertical, sempre vertical na República Nova" — dizendo NÃO, mil vezes NÃO aos que tentaram violar os direitos humanos neste País. **(O orador é abraçado)**